

## TRÍADE EM RESSONÂNCIA COM A CONSTRUÇÃO DO SABER MUSICAL ATRAVÉS DAS ORQUESTRAS ESTUDANTIS E A AÇÃO EXTENSIONISTA

RAFAEL VERAS ZORZOLLI<sup>1</sup>; ANDREW RODRIGUES BORGES<sup>2</sup>  
ISABEL BONAT HIRSCH<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal De Pelotas – [rafael.zorzolli@gmail.com](mailto:rafael.zorzolli@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal De Pelotas – [andrewrborges0@gmail.com](mailto:andrewrborges0@gmail.com)

<sup>3</sup>Universidade Federal De Pelotas – [isabel.hirsch@ufpel.edu.br](mailto:isabel.hirsch@ufpel.edu.br)

### 1. INTRODUÇÃO

O presente artigo tem o intuito de compartilhar o trabalho desenvolvido pela Orquestra Estudantil Areal e Orquestra Estudantil Municipal de Pelotas a partir do projeto de extensão “Fazendo um Som”, coordenado pela professora Isabel Bonat Hirsch do curso de Música Licenciatura do Centro de Artes da UFPel. A ação “Fazendo um Som com Orquestras” foi realizada no primeiro semestre de 2025 por alunos dos cursos de Música da UFPel, licenciatura e bacharelado. A proposta é mostrar como essa ação funciona e como as instituições se relacionam mutuamente.

É imprescindível frisar a importância dos projetos sociais e das atividades de extensão da Universidade, quando estes convergem harmonicamente numa tríade formada por: inspiração, transformação e retorno. Essa tríade pode ser compreendida, à semelhança de um acorde musical, como forças que se sustentam mutuamente: a inspiração age como nota fundamental, a primeira, “tônica”, vibração que desperta o desejo de criar e de participar; a transformação corresponde à terça, “mediante”, intervalo que colore e dá qualidade ao acorde, deslocando e configurando sujeitos e relações; e o retorno é como a quinta, “dominante”, que estabiliza, projeta e devolve a energia ao meio social, completando o ciclo estabilizando o processo e criando novos pontos de ressonância. De acordo com Magalhães e Fialho (2024),

Essa realidade tem gerado uma necessidade cada vez maior de profissionais capacitados para atuarem nesses projetos sociais, mantendo em pauta discussões relativas às práticas musicais nesses espaços e suas especificidades (Magalhães; Fialho, 2024, p. 2)

Nesse movimento, destacam-se as contribuições de Paulo Freire e Michel Foucault como referenciais teóricos. Para Freire (1996), a educação só se realiza em sua plenitude quando há diálogo, troca e construção mútua do saber, o que corresponde ao princípio trabalho de extensão, de não apenas transmitir conhecimento, mas também acolher e transformar a realidade em que se atua. De modo complementar, Foucault (1979) compreende a cultura e a educação como práticas sociais que produzem subjetividades, instauram novas formas de poder e saber, e reconfiguram modos de vida. Assim, a música de concerto, quando inserida em projetos comunitários, passa a funcionar como dispositivo capaz de inspirar, transformar e retornar também à comunidade, através das atividades dos multiplicadores como ativistas culturais e sociais.

A Orquestra Areal surgiu no ano de 2014, no dia 24 de setembro, na Escola Estadual de Ensino Médio Areal, a partir de uma proposta do governo do Estado do Rio Grande do Sul, quando foram distribuídos 51 kits de instrumentos para formação de orquestras. A Orquestra Areal foi uma das que perseverou com atividades ininterruptas desde então, sob a coordenação da Professora Lys Ferreira.

No ano de 2018, como consequência do sucesso da Orquestra Areal, a Secretaria Municipal de Educação de Pelotas propôs a criação de uma orquestra nos mesmos moldes para o município, convidando a maestra Lys para sua coordenação, sendo que foi sugerido por ela abranger a proposta para toda a rede municipal de ensino, tendo em vista que a Orquestra Areal é exclusiva para alunos da escola. Neste ano nasceu a Orquestra Estudantil Municipal de Pelotas.

Mesmo não tendo como objetivo principal a formação de músicos, muitos jovens acabam descobrindo seus talentos e uma predisposição para explorar os elementos do som e da música, transformando suas rotinas e suas relações sociais e culturais, bem como de suas famílias e comunidade, do bairro, expandindo para a cidade. Na busca de melhores referências para uma formação profissional no estudo da música de concerto, os estudantes ingressam na vida acadêmica, sendo acolhidos pelos cursos de música da UFPel, que desde 2020 tem o *“Fazendo Um Som”* como recurso de conexão entre esses jovens e sua comunidade.

Dessa forma, o ciclo da tríade se completa: a inspiração inicial dada pela experiência orquestral, a transformação pessoal e social promovida pelo estudo da música, e pela educação crítica e, por fim, o retorno dos estudantes como multiplicadores, qualificando as atividades desenvolvidas nas orquestras e perpetuando a consonância entre universidade e sociedade. Assim, universidade e comunidade se encontram em consonância, na perspectiva freireana do diálogo e da emancipação, e foucaultiana da produção de novas formas de vida e saber.

## 2. METODOLOGIA

Como prelúdio, esse registro data do primeiro semestre de 2025, considerando as atividades desenvolvidas pelos multiplicadores extensionistas, bem como suas variadas ações e propostas artísticas e/ou pedagógicas.

As aulas da Orquestra Estudantil Municipal são realizadas por três professores da rede municipal, com instrumentos e horários distintos. Na Orquestra Estudantil Areal, a coordenação e as aulas ficam sob responsabilidade da professora Lys Ferreira.

Já os multiplicadores, muitos deles ex-alunos, também participam ministrando algumas oficinas e ainda atuando dando suporte artístico nas apresentações musicais. Além do projeto *“Fazendo um Som”*, os mesmos estudantes desenvolveram atividades de pesquisa e extensão com o projeto *“Tecnologias Contemporâneas Interdisciplinares na Comunidade”*, do curso de Terapia Ocupacional da FAMED, coordenado pelo professor Dr. Júlio Costa, registrado pela bolsista Laura Silva.

Além dos aspectos teóricos e estético-filosófico-musicais, dos instrumentos musicais contamos com a Família das Cordas: Violino, Viola, Violoncelo e Contrabaixo; Família das Madeiras: Flauta Doce Soprano e Contralto, Flauta Transversal, Clarinete e Saxofone Alto; Família da Percussão: Pandeiros, Tambores, Triângulo, Agogô, Caxixi e Bateria e, outros instrumentos como Piano (digital) e Teclados, Violões, Guitarra e Contrabaixo elétricos.

As orquestras atuam com estudantes de escola pública, muitas vezes oriundos de bairros em vulnerabilidade social, expostos à violência e drogas, com escassez na acessibilidade a bens culturais. Os musicistas iniciam suas atividades a partir do 4º ano do Ensino Fundamental, utilizando instrumentos cedidos pelo projeto, que se sustenta por muitas vezes, em quesito de manutenção, por doações espontâneas que a comunidade sensibilizada realiza como: cordas, cases, palhetas e até instrumentos diversos.

Entre as atividades desenvolvidas, estão: organização das aulas, abordando aspectos teóricos e práticos do ensino da música, realização de ensaios de naipe, anotações de arcadas e dedilhados nas partituras, elaboração e qualificação de arranjos, desenvolvendo atividades paralelas às aulas, pois conhecem a proposta do trabalho pedagógico que se fundamenta no ensino coletivo de instrumentos musicais heterogêneos.

### 3. RELATOS E IMPACTOS GERADOS

O impacto social e cultural observado desde 2014 com a criação da primeira orquestra em formato estudantil na Escola Estadual de Ensino Médio Areal, bairro Areal da cidade de Pelotas, vem reverberando em novas propostas, adaptando e adequando-se às novas demandas dos locais, bem como suas comunidades. Podemos citar a formação da Orquestra Estudantil Municipal em 2018, a Orquestra Estudantil da Cidade de Pedro Osório em 2024, a Orquestra Jovem SESC RS-Pelotas em 2025, e ainda dois municípios próximos que manifestaram interesse em implantar núcleos orquestrais em seus territórios.

Diante desse cenário expansivo, torna-se necessária a organização de ações futuras, em parceria dos multiplicadores extensionistas, por meio do projeto “*Fazendo Um Som*”, compreendendo um programa estruturado em etapas:

1. diagnóstico local com visita técnica e levantamento de necessidades;
2. realização de oficinas pedagógicas sobre ensino coletivo de instrumentos heterogêneos, metodologia de naites, leitura coletiva e arranjo;
3. fornecimento orientado de material, elaboração de lista técnica de instrumentos e acessórios, com orientações para conservação e logística;
4. mentoria continuada, com acompanhamento semestral dos bolsistas e supervisionado por professores coordenadores do “*Fazendo um Som*” e “Orquestras Estudantis”;
5. integração comunitária, com ações de sensibilização em escolas, reuniões com famílias e apresentações musicais públicas;
6. avaliação e sustentabilidade com definição de indicadores de impacto social, pedagógico e cultural e planejamento para continuidade (captação de recursos, parcerias e formação de multiplicadores locais).

Os benefícios esperados incluem: ampliação do acesso à educação musical de qualidade; fortalecimento de redes sociais e culturais locais e regionais; desenvolvimento de competências socioemocionais entre estudantes; formação de novos multiplicadores e potenciais estudantes para cursos de nível superior; e o estabelecimento de um circuito regional de intercâmbio entre orquestras escolares, o que potencializa repertório, formação e visibilidade cultural de cidades da região sul do Estado.

Nesse processo, novos núcleos orquestrais não consistem apenas em multiplicar práticas instrumentais e ensino técnico-musical, mas em consolidar um

dispositivo cultural capaz de inspirar, transformar, promover e fomentar o estudo da música de concerto, na comunidade, perpetuando assim a tríade que fundamenta este trabalho, ampliando uma rede, em consequência do impacto social e educativo iniciado na Escola Areal.

#### 4. CONSIDERAÇÕES

A ação extensionista “*Fazendo um Som com Orquestras*” configura-se como dispositivo pedagógico e cultural que articula, de modo contínuo e complementar, a tríade inspiração, transformação e retorno: a experiência orquestral suscita interesse; transforma práticas educativas, trajetórias pessoais e relações sociais; e retorna à comunidade alimentando o campo formativo da universidade — consolidando-se assim como eixo orientador para continuidade e ampliação das ações.

Considerando os objetivos e impactos obtidos, destacam-se dois caminhos complementares: Primeiro, os participantes: a experiência coletiva com instrumentos heterogêneos desenvolve competências musicais e socioemocionais, amplia repertórios de vida e cria possibilidades formativas e profissionais. Em segundo, os multiplicadores e/ou bolsistas estudantes da UFPel: onde a prática extensionista é espaço de formação profissional e pesquisa aplicada, articulando teoria e prática e fortalecendo a inserção comunitária. O registro realizado surge como peça-chave para memória institucional, planejamento, mentoria e supervisão, atuando como ponte entre comunidade e universidade. O acompanhamento semestral contribui, para a formação continuada de multiplicadores e estratégias de sustentabilidade (parcerias, captação de recursos e indicadores qualitativos) para garantir continuidade, avaliação e possibilidade de replicação.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 10. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MAGALHÃES, Rogério S. de; FIALHO, Vania M. Ensino de instrumentos musicais em projetos sociais: breve revisão de literatura. In: XXI Encontro Regional da ABEM Sul; **anais**, 2024, Maringá/PR.